

O que nos ensina

UMA

MULHER MODERNA

Mulheres de ontem! Nova Mulher!—duas designações: que vão tomando vulto, que contêm alguma coisa de significativo nos tempos presentes.

Novas actividades surgem ávidas de contribuir para um melhor viver.

O que era simplesmente aparato, envólucro social, desfaz-se, aos poucos, perante uma preocupação crescente de produção útil. A consciência das suas possibilidades traz, à Nova Mulher, a necessidade de se aproximar do que a vida tem de essencial, do que é belo e duradouro, do que tem sentido e não é mera fórmula.

Uma palavra: a Mulher de ontem humaniza-se. Veremos o que nos ensina, com o seu exemplo e com palavras que lhe dibou a experiência, uma Mulher cuja conduta está em proporção com a obra que realizou.

Refiro-me a Marya Skłodowska-Curie, mais conhecida por Mme Curie, a famosa descobridora do Rádio.

Fala-se muito da sua obra. Para a dignificarem, uns; para a diminuir, outros—por se tratar duma mulher. A sua personalidade, no entanto, é pouco conhecida.—Queria o destino, por algum tempo, respeitar a sua modéstia?

«Em ciência, devemo-nos interessar pelas coisas, não pelas pessoas»—são palavras suas que sintetizam o que foi para ela uma preocupação constante: esconder-se, evitar o incómodo dum papel que a sua timidez e simplicidade natural nunca souberam representar—o de ser glorificada. E, contudo, que riqueza de atitudes nobilíssimas de abnegação, humanidade, que elevado exemplo de consciência moral esta vida encerra!

Trabalhar, trabalhar, sim!, esperando como única recompensa—e sublime recompensa, essa, só própria dum espirito de elite—o poder balbuciar, quando já esgotada pela fadiga: «Fiz o que pude. E' tudo quanto se pode exigir de nós e é também a única coisa capaz de nos trazer um pouco de felicidade».

Mas como atingir esta eficiência das nossas possibilidades?

Escrevendo à sobrinha, Szalay, em 1913, Mme Curie expõe, numa linguagem cheia de poesia, qual tem sido a sua regra de conduta. Comparando o seu comportamento com o das pequenas lagartas, diz: «Também eu tenho caminhado sempre, pacientemente, para um fim único. Tenho-o feito sem ter a menor certeza que é nesse fim que está a verdade, sabendo que a vida é fugitiva e frágil, que nada deixa atrás de si, que outros seres a concebem duma maneira completamente diferente. Tenho-o feito, sem dúvida, porque alguma coisa me obriga a isso, pela mesma razão que a lagarta é obrigada a construir o seu casulo. A pobre da lagarta deve começar o casulo mesmo que lhe seja impossível acabá-lo, trabalhando sempre com o mesmo carinho. E se não chega ao fim da sua tarefa, morre sem metamorfose, sem recompensa. Que cada um de nós vá fazendo o seu casulo, sem perguntar porquê e com que fim».

Estas palavras provêm dum saber todo feito de experiência.

As que seguem, porém, foram escritas numa época muito anterior, em 1894, quando Marie era ainda estudante na Sorbonne; elas denunciam, no entanto, uma mesma atitude invariável na sua autora, perante o decorrer dos anos:

«A vida, ao que parece, não é fácil para qualquer de nós. Mas, que importa! E' preciso ter perseverança e, sobretudo, confiança em nós! E' preciso crer que se vive para alguma coisa e que esta coisa é preciso atingi-la, custe o que custar. E talvez tudo corra bem quando menos se espera.»

Corajosas e belas palavras que Marie dirige a seu irmão. E que explendida fórmula aplicável a nós outros!—«E' preciso crer que se vive para alguma coisa e que essa coisa, é preciso atingi-la, custe o que custar».

Vimos Marie escrevendo à sobrinha, vimos-la escrevendo ao irmão, incitando-os ao trabalho, ao seu trabalho, àquele para o qual foram dotados e que será o mais útil que po-

derão realizar. Este interesse pelos seus, este desejo constante de os servir vem de muito longe e não acaba, nela, senão com a morte.

A solidariedade fraternal foi por ela interpretada como uma abnegação extrema; abnegação esta que a levou até sacrificar, por alguns anos, o legítimo desejo de cultivar-se, em benefício de seus irmãos, aliás gratos e sabendo retribuir. Fazíamos em solidariedade fraternal, referindo-nos a Mme Curie. Imediatamente se nos afigura a transcendentalização deste princípio, isto é, a solidariedade extensiva a um campo maior de beneficiados e sem permuta—sómente dádiosa,—solidariedade «pro humanitate».

Não é o serviço desinteressado da Ciência uma contribuição para o bem comum?

Pois Mme Curie excedeu este princípio. E não é só fechada no laboratório, privando-se, muitas vezes, do repouso necessário, esquecendo quanto a alheava do seu trabalho, que ela se nos apresenta. Mme Curie servia uma grande causa. Ela não podia ser simplesmente uma grande sábia dedicando-se à investigação científica, por amor da investigação. Não. O seu interesse humanitário é um interesse directo. Toda a sua vida o prova e, sobretudo, a sua actividade durante a Grande Guerra. Ela tem um respeito imenso, religioso, da vida humana. Para salvar um homem, para lhe poupar sofrimento, num amputação, numa enfermidade, está pronta ao mais pesado esforço.

E' assim que, durante a Grande Guerra, Mme Curie abandona por completo o laboratório para se consagrar inteiramente ao serviço dos feridos da guerra, a minorar-lhes o sofrimento, uma vez que, de todos, não podia evitá-lo. E' ela quem faz distribuir aparelhos de Raios X, que, até então, tinham uma utilização limitada, e torna conhecido o seu emprego; é ela quem oferece a emanção do seu precioso grama de rádio—cuja separação dos outros elementos lhe levára quatro anos a conseguir,—a qual emanção os médicos julgaram aproveitável para a cura

de cicatrizes viciosas e de lesões da pele. O seu esforço pessoal, directo, vai ao ponto de ser ela quem conduz aos postos militares e aos hospitais os respectivos aparelhos—não fossem, nas mãos dos incautos, desmantelar-se pelo caminho os tubos de emanção! E era corrente vê-la no Renault, que lhe tinham emprestado, ao lado do motorista, ou mesmo ao volante, conduzindo-o através de tortuosas ruas.

Ser útil ao próximo! conseguir o máximo de si! Mais: aproveitar o dia de hoje! Este velho princípio epicurista exprime-o ela com um novo encanto:

«Ter em cada dia um prazer a viver, sem esperar que os dias passem para lhes encontrar atractivos e sem pôr toda a esperança, unicamente, nos dias que hão-de chegar.»

Resumindo: Mme Curie foi o que ela própria se denominava quando era jovem:—uma idealista positiva. Os seus princípios têm, de facto, a elevação dum ideal, mas a sua aplicação à prática da vida dá-lhes, firmemente, feição positiva.

Possuidora duma sensibilidade extremamente susceptível, compreende, cedo, a necessidade de se defender. A vida, porém, quis experimentá-la com provas muito difíceis. A morte do esposo, companheiro de todos os momentos, colaborador, com parte de mestre, no princípio da sua obra, foi uma terrível experiência, a que ela resistiu difficilmente. Daí, o facto de Mme Curie procurar num idealismo de sentido mais duradouro a força impulsora da sua actividade espiritual.

Eis um pouco do que representa esta extraordinária Mulher a tantos títulos digna de menção. A sua figura, tal como no-la apresenta sua filha, Eve, na minuciosa biografia intitulada «Madame Curie», merece que a distingamos como verdadeira heroína dos tempos modernos, embora a sua encantadora modéstia a faça esquivar-se a aparecer, mesmo como exemplo para as outras mulheres.

MARIA ALBUQUERQUE